

Situação Mundial da Infância 2016: Oportunidades justas para cada criança

CONTEÚDO

Prefáciopágina 1

Resumo Executivopágina 3

Prefácio

A situação mundial da infância

A iniquidade afeta milhões de crianças e ameaça o futuro do mundo

Ao observar o mundo hoje, somos confrontados com uma desconfortável, mas inegável verdade: milhões de vidas infantis são prejudicadas sem nenhum motivo a não ser o país, a comunidade, o gênero ou as circunstâncias em que nasceram.

E, como os dados neste relatório mostram, a menos que aceleremos o nosso passo para alcançá-las, o futuro de milhões de crianças desfavorecidas e vulneráveis – e, conseqüentemente, o futuro de suas sociedades – estará em perigo.

Antes mesmo de respirarem pela primeira vez, as oportunidades de vida de crianças pobres e excluídas são frequentemente moldadas por iniquidades. Desvantagens e discriminação contra suas comunidades e famílias vão ajudar a determinar se vivem ou morrem, se terão a chance de estudar e, mais tarde, alcançar uma vida digna. Conflitos, crises e desastres climáticos aprofundam suas privações e diminuem seu potencial.

Mas não precisa ser assim. Como este relatório também ilustra, o mundo fez imensos progressos na redução das mortes na infância, na inserção de crianças na escola e na remoção de milhões da pobreza. Muitas das intervenções por trás desse progresso – como vacinas, sais de reidratação oral e melhor nutrição – têm sido práticas e baratas. A expansão de tecnologias digitais e móveis, entre outras inovações, tornou mais fácil e mais barato fornecer serviços essenciais em comunidades de difícil acesso e expandir oportunidades para crianças e famílias em grande risco.

Em sua maioria, as dificuldades em alcançar essas crianças não são técnicas. São uma questão de comprometimento político. São uma questão de recursos. E são uma questão de força de vontade coletiva – de juntar forças para enfrentar as barreiras da iniquidade e da desigualdade, focando em maiores investimentos e esforços para alcançar as crianças que foram deixadas para trás.

O momento de agir é este. A menos que aceleremos nosso progresso, em 2030:

- Quase 70 milhões de crianças poderão morrer antes do seu quinto aniversário – 3,6 milhões só em 2030, o ano limite para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
- Crianças da África ao sul do Saara terão dez vezes mais probabilidade de morrer antes de seu quinto aniversário do que crianças de países de alta renda.
- Nove entre dez crianças vivendo em pobreza extrema estarão na África ao sul do Saara.

- Mais de 60 milhões de crianças em idade escolar primária estarão fora da escola – aproximadamente o mesmo tanto que está fora das escolas hoje. Mais da metade estará na África ao sul do Saara.
- Aproximadamente 750 milhões de mulheres terão se casado ainda crianças – três quartos de um bilhão de crianças noivas.

Essas vastas iniquidades e perigos fazem mais do que violar os direitos e ameaçar o futuro de crianças individualmente. Eles perpetuam ciclos intergeracionais de desvantagens e desigualdades que atravancam a estabilidade das sociedades e até mesmo a segurança das nações em toda parte.

Mais do que nunca, devemos reconhecer que o desenvolvimento só é sustentável se puder ser levado adiante – sustentado – pelas gerações futuras. Temos a oportunidade de substituir círculos viciosos por círculos virtuosos, nos quais as crianças que vivem na pobreza – se tiverem oportunidades justas em saúde, educação e proteção – possam, quando adultas, competir, no mesmo nível de igualdade, com crianças vindas de contextos mais ricos, melhorando assim sua própria vida e enriquecendo suas sociedades, em todos os sentidos da palavra.

Quando ajudamos um menino a ter acesso a medicamentos e nutrição de que ele precisa para crescer saudável e forte, não estamos somente aumentando suas chances de vida, mas também diminuindo os custos econômicos e sociais associados a saúde precária e produtividade baixa.

Quando educamos uma menina, não só damos a ela ferramentas e conhecimento para tomar suas

próprias decisões e moldar seu próprio futuro, mas ajudamos também a aumentar o padrão de vida de sua família e sua comunidade.

Quando provemos educação, abrigo e proteção para crianças atingidas por conflitos, ajudamos a reparar seus corações e mentes – para que um dia elas tenham a habilidade e o desejo de ajudar a reconstruir seus países.

Este relatório se encerra com cinco maneiras de fortalecer nosso trabalho, concebidas com base no que aprendemos nos últimos 25 anos – e que estamos ainda aprendendo: aumentar as informações sobre aqueles que foram deixados para trás; integrar nossos esforços em vários setores para enfrentar as múltiplas privações que prejudicam tantas crianças; inovar para acelerar o processo e levar mudança para as crianças e famílias mais excluídas; investir em equidade e encontrar novas maneiras de financiar esforços para alcançar as crianças mais desfavorecidas; e envolver todo mundo, começando com as próprias comunidades, e com empresas, organizações e cidadãos ao redor do mundo que acreditam que podemos mudar o destino de milhões de crianças.

E nós podemos. A iniquidade não é inevitável. A desigualdade é uma escolha. Promover equidade – oportunidades justas para cada criança, para todas as crianças – também é uma escolha. Uma escolha que podemos e devemos fazer. Para o futuro delas e para o futuro do mundo.

Anthony Lake
Diretor Executivo, UNICEF

Resumo Executivo

Toda criança nasce com o mesmo inalienável direito a um começo de vida saudável, educação e uma infância segura e protegida – todas as oportunidades básicas que se traduzem em uma fase adulta produtiva e próspera. Mas, ao redor do mundo, milhões de crianças têm seus direitos negados e são privadas de tudo o que precisam para crescer saudáveis e fortes.

Um recém-nascido privado de cuidados pós-natal pode não sobreviver nos primeiros dias. Uma criança privada de vacinação ou água potável pode não sobreviver até seu quinto aniversário, ou pode viver uma vida de saúde precária. Uma criança privada de nutrição adequada pode nunca alcançar todo o seu potencial físico e cognitivo, limitando sua habilidade de aprender e ter êxito. Uma criança privada de educação de qualidade pode nunca obter as habilidades necessárias para um dia ter sucesso no trabalho ou mandar seus próprios filhos para a escola. E uma criança privada de proteção – em relação a conflitos, violência ou abuso, exploração e discriminação, trabalho infantil, casamentos ou gravidez precoces – pode ficar marcada psicológica e emocionalmente para sempre, com profundas consequências.

A evidência está por todos os lados – nos ciclos de privação que são transmitidos de uma geração para a próxima, e a desigualdade que se aprofunda e ameaça as sociedades em toda parte. Crianças que não têm a oportunidade de desenvolver as habilidades de que necessitam para competir quando adultas não conseguem nem quebrar esses círculos viciosos na própria vida nem dar aos seus filhos a chance de completar seu potencial. Suas sociedades também são privadas das contribuições que elas poderiam fazer. Se ignoradas, essas lacunas

podem crescer e os círculos podem se tornar mais viciosos, afetando, então, mais crianças. Isso é especialmente verdadeiro em um mundo cada dia mais acometido por conflitos violentos, crises crônicas e outras emergências humanitárias causadas por desastres naturais e os efeitos crescentes da mudança climática – o que afeta as crianças desproporcionalmente, e mais ainda as crianças desfavorecidas e vulneráveis.

O tópico do relatório deste ano é motivado por um senso de urgência e a convicção de que um destino diferente e um mundo melhor são possíveis. Crianças nascidas na pobreza e na privação não estão fadadas a viver uma vida de desalento. Iniquidade não é inevitável se os governos investirem em expandir oportunidades para cada criança – reorientação das prioridades políticas, de programas e dos gastos públicos, para que os menos favorecidos tenham uma chance de alcançar os mais favorecidos.

A boa notícia é que existem maneiras mais efetivas – e mais baratas – de alcançar as crianças, as famílias e as comunidades mais difíceis de serem alcançadas. Novas tecnologias, a revolução digital, maneiras inovadoras de financiar intervenções críticas e movimentos liderados por cidadãos estão ajudando a levar mudanças para os mais desfavorecidos. Investir nessas intervenções e iniciativas, e fomentar esses movimentos emergentes, vai render benefícios a curto e longo prazo para milhões de crianças e suas sociedades.

A aritmética da equidade é relativamente simples, e não é um jogo sem vencedores. Todos devem seguir em frente, tanto em países ricos quanto em pobres. Mas, com maior investimento e esforço para alcançar crianças e famílias que fizeram menos progresso, avanços em sobrevivência infantil, saúde e educação podem ser mais bem divididos para o benefício de todos. Para realizar

nossos objetivos de desenvolvimento globais, devemos investir primeiro nas crianças que estão mais para trás.

Por que focar em equidade agora?

Enquanto governos pelo mundo consideram qual a melhor maneira de se comprometer com o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030, as lições dos esforços mundiais dos últimos 15 anos são instrutivas.

O progresso com relação aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) entre 2000 e 2015 mostrou o poder da ação nacional, apoiada por parcerias internacionais, para conseguir resultados efetivos. Crianças nascidas hoje são significativamente menos suscetíveis a viver na pobreza de que as nascidas no começo do novo milênio. Elas têm mais de 40% de chance de sobreviver até seu quinto aniversário e mais chance de frequentar a escola.

Governos e comunidades ao redor do mundo celebraram, com razão, tais avanços. Mas, mesmo em meio ao progresso, milhões de crianças continuam a viver – e morrer – em situações inconcebíveis. Em 2015, estimados 5,9 milhões de crianças morreram antes de atingir 5 anos de idade, em sua maioria de doenças que podem ser prevenidas e tratadas de forma fácil e barata. Outros milhões de crianças ainda têm seu acesso à educação negado simplesmente porque seus pais são pobres ou de um grupo estigmatizado, porque são meninas, ou porque estão crescendo em países afetados por conflitos ou crises crônicas. E ainda que a pobreza esteja diminuindo globalmente, quase metade dos extremamente pobres do mundo são crianças, e muitas outras experimentam múltiplas versões da pobreza em sua vida.

Em muitos casos, lacunas de equidade têm sido reduzidas nos últimos 25 anos. Por exemplo, em todas as regiões, os lares mais pobres experimentaram maior declínio absoluto de mortalidade infantil que os mais ricos. Quatro regiões alcançaram paridade de gênero na educação primária. Em muitos outros casos, entretanto, os progressos gerais fizeram pouco para minimizar as disparidades profundas e persistentes. Governos falharam em rastrear as lacunas de equidade separando os mais desfavorecidos do resto da sociedade. As médias nacionais marcando o progresso geral mascararam uma notória – e às vezes crescente – lacuna entre crianças de lares mais pobres e de lares mais ricos.

Não podemos deixar que a história se repita. Para alcançar os objetivos de 2030, nos próximos 15 anos o ritmo em direção ao progresso deve ser muito mais rápido do que para os ODM. As consequências e os custos do fracasso são enormes. Se as tendências dos últimos 15 anos continuarem pelos próximos 15 anos, em 2030, estimados 167 milhões de crianças estarão vivendo em extrema pobreza. Aproximadamente 69 milhões de crianças com menos de 5 anos de idade vão morrer entre 2016 e 2030 – 3,6 milhões, somente em 2030, vão morrer de causas evitáveis. E pode ainda haver mais de 60 milhões de crianças em idade escolar primária fora da escola.

Muito mais do que os ODM que os precederam, os objetivos de 2030 reconhecem a importância crítica de promover a equidade. Os 17 objetivos e as 169 metas associadas que os governantes do mundo se comprometeram a cumprir são universais, ligadas por um juramento de “que ninguém será deixado para trás...”, e faremos o possível para alcançar, em primeiro lugar, aqueles que ficaram mais para trás”.

Resgatar esse juramento deve começar com levar o progresso para as *crianças* que foram deixadas para trás.

As Nações Unidas projetaram crescentes necessidades humanitárias e uma perspectiva sombria para as crianças em 2016. O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados estimou que, até 2015, pelo menos 60 milhões de pessoas deixaram suas casas em decorrência de conflitos e violência. Metade delas são crianças. Está crescendo o número de crianças experimentando longos e complexos desastres, como o conflito na Síria. Os intensos efeitos da mudança climática também estão exacerbando os riscos para as crianças mais desfavorecidas. Globalmente, mais de meio bilhão de crianças vivem em zonas em que a ocorrência de enchentes é extremamente alta, e aproximadamente 160 milhões moram em zonas onde a severidade da seca é alta ou extremamente alta. A Organização Mundial da Saúde estimou que aproximadamente 250 mil mortes adicionais vão ocorrer anualmente até 2030 por desnutrição, malária, diarreia e estresse térmico atribuído à mudança climática.

Os desafios de alcançar essas crianças com serviços essenciais e proteção são consideráveis, mas também são consideráveis os benefícios. E nós devemos alcançá-las. Se não, veremos escapar alguns avanços duramente conquistados e assistir às consequências desse fracasso ocorrendo pelo mundo. Não há dúvidas de que o progresso para as crianças e famílias mais desfavorecidas é a condição determinante para o alcance dos objetivos de 2030 e a definição das futuras oportunidades para as próximas gerações. A hora de agir é agora.

Saúde infantil: um retrato de dados

Comparadas com as mais ricas, as crianças mais pobres têm:

- **1/3** de chance de ter assistência capacitada em seu nascimento.
- **1,9X** mais probabilidade de morrer antes dos 5 anos
- **2,1X** mais probabilidade de ter atraso no crescimento.

- Crianças nascidas em áreas rurais têm **1,7X** mais probabilidade de morrer antes dos 5 anos que crianças de áreas urbanas.
- Para cerca de 1 milhão de crianças em 2015, seu primeiro dia de vida foi também o último.
- A lacuna de mortalidade infantil relativa entre, de um lado, a África ao sul do Saara e a Ásia Meridional e, de outro, países de alta renda quase não mudou desde 1990.
- Crianças nascidas na África ao sul do Saara têm 12 vezes mais probabilidade de morrer antes do seu quinto aniversário que seus pares de países de alta renda, assim como tinham em 1990.

Atendendo ao imperativo de equidade

Nossas novas metas para as crianças não podem ser alcançadas se não priorizarmos as crianças menos favorecidas, modificando políticas, programas e gastos públicos para promover maior equidade. As áreas em que crianças experimentam iniquidades são muitas, mas, neste relatório, focamos especificamente nas três áreas que exemplificaram tanto a magnitude do desafio quanto a imensidão da oportunidade de melhorar a vida de milhões de crianças.

O relatório começa com a mais nítida iniquidade de todas – discrepância em sobrevivência infantil – e segue explorando os determinantes subjacentes da mortalidade infantil evitável. Ele argumenta que, para alcançar as metas de sobrevivência infantil para 2030, devemos urgentemente tratar as persistentes disparidades

em saúde materna, a disponibilidade de assistentes de parto capacitados, nutrição adequada e acesso a serviços básicos, além de outros fatores como discriminação, exclusão e falta de conhecimento sobre alimentação infantil e o papel da água potável, das condições sanitárias adequadas e da higiene na prevenção de doenças infantis.

A discussão continua com um olhar para um dos mais efetivos fatores de desenvolvimento e o maior balanceador de oportunidades: a educação. Sem educação de qualidade, crianças desfavorecidas têm mais probabilidade de cair em situações de mão de obra barata e trabalhos inseguros, impedindo que quebrem os ciclos intergeracionais de desvantagens quando adultas.

Educação: um retrato de dados

- A cerca de 124 milhões de crianças é negada a oportunidade de entrar na escola e completar os estudos.
- Desde 2011, o número global de crianças que não frequentam a escola aumentou.
- 38% das crianças em escola primária não aprendem a ler, escrever e fazer contas aritméticas simples.
- Estimados 75 milhões de crianças e adolescentes (de 3 a 18 anos) em 35 países estão em necessidade máxima de educação. Desses, 17 milhões são refugiados, internamente deslocados ou parte de outra população preocupante.
- Meninas em contextos afetados por conflitos têm 2,5 vezes mais probabilidade de estar fora da escola que meninas em circunstâncias mais pacíficas.
- Em muitos países de baixa e média renda, as crescentes disparidades em educação entre grupos sociais diferentes já aumentaram a probabilidade de conflito.
- Cerca de 150 milhões de crianças menores de 14 anos estão envolvidas em trabalho infantil.

Mas um bom foco em desenvolvimento infantil, no aumento do acesso e da qualidade da educação e no fornecimento de educação em emergências trará incontáveis benefícios para esta geração e para a próxima.

Tendo discutido duas das mais críticas privações que as crianças enfrentam, o relatório, então, examina a pobreza infantil em todas as suas dimensões – e o papel que os programas de proteção social exercem em sua redução.

Crianças e pobreza: um retrato de dados

- As crianças representam 34% do total da população dos países de baixa e média renda, mas são 46% da população que vive com menos de US\$1,90 por dia.
- Mais de 300 milhões de crianças vivem em zonas de alta ocorrência de enchentes que também estão em países em que mais da metade da população vive com menos de US\$3,10 por dia.
- Na África ao sul do Saara, 247 milhões de crianças – duas em três – vivem em pobreza multidimensional.
- Mais de 1/3 dos países não está mensurando a pobreza infantil; cerca de metade dos que a medem, não o fazem frequentemente.
- Nos 41 países mais prósperos, quase 77 milhões de crianças viviam em pobreza monetária em 2014.
- Nas tendências atuais, 156 milhões de crianças na África ao sul do Saara estarão lutando para sobreviver com menos de US\$1,90 por dia em 2030; ao todo, elas representarão quase metade dos pobres extremos do mundo.

Argumentando que a pobreza infantil é sobre muito mais que renda, o relatório defende medidas complementares que possam reduzir a pobreza de renda com soluções integradas para as várias privações experimentadas pelas crianças que vivem na pobreza.

O relatório se encerra com cinco maneiras de fortalecer nosso trabalho, concebidas com base no que aprendemos nos últimos 25 anos – e que estamos ainda aprendendo:

- Aumentar as **informações** sobre aqueles que foram deixados para trás.
- **Integrar** nossos esforços em vários setores para enfrentar as múltiplas privações que prejudicam tantas crianças.
- **Inovar** para acelerar o processo e levar mudança para as crianças e famílias mais excluídas.
- **Investir** em equidade e encontrar novas maneiras de financiar esforços para alcançar as crianças mais desfavorecidas.
- E **envolver** todo mundo, começando com as próprias comunidades, e com empresas, organizações e cidadãos ao redor do mundo que acreditam que podemos mudar o destino de milhões de crianças.

Esses princípios são mais um guia do que um plano, mas eles podem ajudar a moldar a política, enquadrar prioridades e instruir o debate sobre as melhores formas de alcançar a promessa dos objetivos de 2030, e assegurar um futuro melhor não só para as crianças menos favorecidas, mas também para todos nós.

Iniquidade não é inevitável nem intransponível. Com os investimentos certos, no tempo certo, crianças desfavorecidas podem realizar seus sonhos de uma vida melhor. Reduzindo as iniquidades que violam seus direitos hoje, tais investimentos podem ajudar essas crianças a ter uma vida mais produtiva quando adultas e habilitá-las a fornecer mais oportunidades para seus filhos, substituindo ciclos intergeracionais de privação por ciclos sustentáveis de oportunidades.

Essa é a promessa – e o imperativo – da equidade.

© Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)
Junho de 2016

É exigida permissão para reproduzir qualquer parte desta publicação. Permissões serão garantidas gratuitamente para organizações educacionais e sem fins lucrativos. De outros, será demandada uma pequena taxa.

Favor contatar:
Division of Communication, UNICEF
Attn: Permissions
3 United Nations Plaza, New York, NY 10017, USA
Tel: +1 (212) 326-7434
E-mail: nyhqdoc.permit@unicef.org

Para últimos dados, favor visitar <data.unicef.org>
ISBN: 978-92-806-4838-6